

## EDITORIAL

**Analúcia Danilevicz Pereira  
Paulo Visentini**

*Maio/2016*

Grande parte da história e da população brasileiras está diretamente ligada à África. As duas margens do Oceano Atlântico Sul foram, por séculos, partes integrantes do Império Marítimo Português, além de haver grande semelhança ambiental, humana e cultural entre ambas. Nesse período, paradoxalmente, a colonização portuguesa africanizou o Brasil, com o imenso fluxo de escravos. Todavia, durante um século de dominação colonial europeia na África (1860-1960), o Brasil foi impedido de manter relações com o continente, e o conhecimento sobre ele retrocedeu.

Foi necessário que os países africanos se emancipassem e o Brasil, em industrialização, iniciasse a Política Externa Independente em 1961, para que houvesse uma reaproximação. A retomada das relações ocorreu através de avanços e recuos, com mudanças em 1964, 1970 e 1990, até se afirmar a partir de 2003. Mas as ações econômicas, diplomáticas e de cooperação técnica não foram acompanhadas do necessário ritmo de avanço no conhecimento acadêmico sobre o continente.

O estabelecimento do Centro de Estudos Afro-Asiáticos no Rio de Janeiro, no início dos anos 1960, bem como de sua Revista, partiram do estímulo governamental e de movimentos políticos brasileiros. Mas o foco acabou sendo centrado nos aspectos culturais e antropológicos, especialmente sobre os afro-brasileiros, e recebeu apoio (e influência) de fundações norte-americanas. Em São Paulo, na Bahia e em Brasília, e em outros estados, grandes universidades criaram seus centros de estudos africanos ou acadêmicos fizeram convergir seus projetos de pesquisa sobre o tema. O Movimento Negro também deu o seu apoio a tal processo.

Portanto, a Revista Brasileira de Estudos Africanos (RBEA) nasce com a proposta de se somar aos esforços das demais instituições acadêmicas africanistas, e complementá-los. O foco é, especialmente (mas não exclusivamente), a África Pós-Colonial. O Centro Brasileiro de

Estudos Africanos (CEBRAFRICA), que edita a Revista e faz parte Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), tem sua origem institucional no Centro de Estudos Brasil-África do Sul (CESUL). Foi um programa estabelecido em 2005 via convênio entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. É importante salientar que o CEBRAFRICA (com a RBEA) é uma instituição estritamente acadêmica e independente, de uma Universidade pública brasileira, sem qualquer vínculo governamental ou com fundações estrangeiras.

Devido ao crescente interesse de Professores-pesquisadores, de estudantes de graduação e pós-graduação em Relações Internacionais e áreas afins (muitos dos quais africanos) por múltiplos temas e regiões africanas, em março de 2012 o CESUL foi ampliado para abranger o conjunto geográfico do continente africano, transformando-se em CEBRAFRICA, enquanto a *Série Sul-Africana* foi transformada em *Série Africana*, com nove livros publicados até o presente. O objetivo original foi mantido: realizar pesquisas, apoiar a elaboração de teses, dissertações e trabalhos de conclusão, congregar grupos de pesquisa em temas africanos, realizar seminários, promover intercâmbio de professores e estudantes e estabelecer redes de pesquisa e projetos conjuntos com instituições africanas e africanistas, publicar obras produzidas no Brasil ou traduzidas e, agora, utilizar a RBEA como ferramenta de trabalho entre africanistas.

As pesquisas têm por objetivo o conhecimento do continente africano e de suas relações com o Brasil em áreas como Relações Internacionais, Organizações de Integração, Segurança e Defesa, Sistemas Políticos, História, Geografia, Desenvolvimento Econômico, Estruturas Sociais e sua transformação e Correntes de Pensamento. São parceiros do CEBRAFRICA conceituadas instituições brasileiras e estrangeiras, fruto de diversas missões e pesquisas de campo realizadas na África e em grandes centros africanistas na Europa, na Ásia e nas Américas.

Em seu número de lançamento, apresentamos 11 artigos de africanistas internacionais e nacionais, e uma resenha, de obra publicada recentemente sobre as relações Brasil-África. Ian Taylor analisa em "*Meet the new boss - same as the old boss*": *South Africa's transition as embourgeoisement*, o fim do regime do *apartheid* a partir das forças políticas e socioeconômicas que estimularam as elites do CNA a uma política de equidade social, sem, contudo, reestruturar a política econômica sul-africana. O artigo de Henry Kam Kah, *The Séléka insurgency and insecurity in the Central African Republic, 2012-2014*, analisa, nas raízes históricas da insurgência Séléka, as condições para a tomada do poder na República Centro-Africana, bem como a instabilidade produzida no país. Já Osakue Stevenson Omoera e Clement

A. Ogah discutem a atuação do Boko Haram a partir da análise dos meios de comunicação nigerianos no texto *Boko Haram as a-gent pro-vo-ca-teur of destabilization and destruction in Nigeria: the media's check*.

As regiões produtoras de petróleo na África Subsaariana e o seu papel estratégico são o objeto do estudo de Yoslán González no artigo *O Golfo da Guiné: futuro Golfo Pérsico Africano?*, enquanto Paulo Visentini analisa o impacto das Revoluções nas Relações Internacionais e no Sistema Mundial como elementos constitutivos e renovadores, enfocando as revoluções africanas no artigo *Revoluções e Relações Internacionais: o caso africano*. Ao completar 40 anos (2015) das independências das colônias portuguesas, Beatriz Bissio propõe uma reflexão sobre o fim do Império português na África no texto *O fim do último grande império colonial: lembranças de uma reportagem histórica* e, Kamilla Rizzi analisa as *Relações Brasil-Palop: 40 anos de cooperação para o desenvolvimento no Atlântico Sul (1974/75-2015)*.

Na sequência, Joaquim Assis aborda a atuação das ONGs em Angola no artigo *Práticas sociais e políticas das ONGs em Angola. Metodologias e relações de poder. O caso da ADRA e da visão mundial*. Igor Castellano da Silva, em *Política Externa regional da Namíbia: a agenda de uma potência secundária*, discute a política externa da Namíbia para África Austral, com foco no período 1990-2010. Já os problemas de segurança no continente africano, especialmente na África Austral, são discutidos no artigo *A integração securitária na África Austral: a SADC e o OPDS*, por Nathaly Xavier Schutz. E, ainda, Mamadou Alpha Diallo analisa *A Integração Regional na África Ocidental (1960-2015)*. Por fim, é apresentada a obra de Paulo Visentini, intitulada *Relação Brasil-África: prestígio, cooperação ou negócios?*, publicada pela Editora Alta Books (2016), em resenha produzida por Nathaly Xavier Schutz.

A RBEA publica uma versão eletrônico bilíngue (português e inglês) e uma impressa em inglês. Assim, esperamos a contribuição de colegas do Brasil e do exterior, com os quais pretendemos estabelecer vínculos para o aprofundamento do conhecimento e a construção de uma visão do Sul sobre o continente africano e das relações com eles.

\*\*\*

Agradecemos a toda equipe que trabalhou na edição e tradução, em particular aos Assistentes de Edição Anselmo Otávio, Isadora Coutinho e Nilton Cardoso, e ao designer Tiago Oliveira Baldasso. Agradecemos também a Alexandra Oppermann e a Júlia Rosa pela revisão da versão em inglês.